

Gulbenkian

Recuperação e recriação do parque

PRADO NAS CLAREIRAS, MENOS ÁGUA PARA REGA, DIMINUIÇÃO DA NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO, TUDO CONCEITOS NOVOS EM PORTUGAL QUE GONÇALO RIBEIRO TELLES, O DECANO DOS ARQUITECTOS PAISAGISTAS PORTUGUESES ESTÁ A INTRODUIZIR NOS JARDINS DA GULBENKIAN. UM DESAFIO À FORMA DE CONCEBER UM JARDIM NO ESPAÇO E NO TEMPO.

TEXTO: GONÇALO RIBEIRO TELES

A enorme dimensão actual das cidades e o seu constante desenvolvimento obriga a uma maior extensão e a uma nova concepção na forma e composição dos espaços verdes públicos.

A drenagem e utilização da água da chuva, o aproveitamento de todo o ciclo da matéria orgânica e os consequentes movimentos locais do ar também justificam, para além daquela nova concepção, uma gestão diferente, adequada às actuais necessidades da sociedade e que seja economicamente viável.

Para o efeito, o acerto ecológico da distribuição da vegetação com a morfologia do lugar e a natureza, composição e forma da vegetação são premissas básicas na concepção e evolução previsível dos espaços verdes urbanos que nestes se verifica numa forma mais evidente e dinâmica do que na da paisagem rural.

Não nos podemos esquecer que jardins, parques e a paisagem humanizada são corpos vivos em permanente evolução, apesar de apresentarem sempre uma estrutura viva permanente. No entanto, o tempo sente-se sempre na paisagem e na vegetação com o decorrer das estações e com o desenvolvimento da vida, cuja lei é para cada elemento, a sucessão entre o nascer, desenvolver-se, reproduzir-se e o morrer. Na concepção da paisagem urbana tal lei não se deve esquecer.

A vegetação do Parque Calouste Gulbenkian, construído há mais de trinta anos, cresceu naturalmente durante este intervalo de tempo. O agente tempo fez surgir novos espaços ensombrados, enriqueceu perspectivas, ocultou panorâmicas, sugeriu novos percursos e ambientes. O Parque recria-se constantemente.

A própria vegetação, ao longo deste intervalo de tempo, desde o início das plantações até aos dias de hoje, lutou entre si, comprometendo por falta de luz revestimentos vegetais de cobertura do solo, necessitando também, por isso, de serem recriada a sua composição e distribuição.

Num espaço, onde dominam os elementos e sistemas vivos e naturais, as intervenções devem assegurar a existência cultural, social e ecológica, dos diferentes percursos e lugares de lazer sem alterar a "ideia" que presidiu à concepção do parque.

A proposta de intervenção em curso deverá considerar este como um património e realizar-se, através de acções de protecção, conservação, recuperação e valorização.

A manutenção e gestão do Parque deverá integrar-se não só na dinâmica dos processos biológicos como também no respeito pela concepção inicial da paisagem já concebida sem se desconhecer o factor tempo.

Os trabalhos de manutenção têm, até agora, concentrado-se exclusivamente na permanência de uma visão estática do Parque, aplicando muitas vezes técnicas de rotina, que prejudicam a consolidação e evolução das composições vegetais e a sua forma de relação com o espaço e com as superfícies de água.

Há que recuperar e defender a forma natural de árvores e arbustos e manter a estrutura dos maciços sem procurar individualizar os elementos constituintes, o que destrói a harmonia dos conjuntos.

Pretende-se ainda, face à consolidação da vegetação, diminuir gastos de água e relacionar a vegetação com as caracterís-

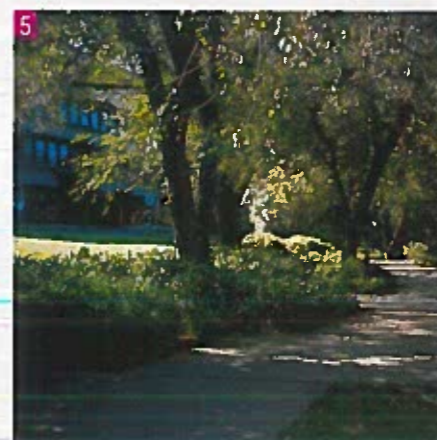


3 Percursos
O desenvolvimento do arvoredo aumentando as áreas de sombra permite a existência de novas estadias e percursos



4 Lago
Naturalização dos componentes naturais da estrutura ecológica do Parque

5 Forma natural
Manutenção da forma natural das árvores e arbustos



ticas dos espaços mais utilizados pelos visitantes ou sejam, os relvados e as áreas fechadas dos maciços arbóreos, introduzindo neles novos tipos de cobertura do solo. Os prados e a vegetação de sub-bosque são componentes do sistema vegetal que valorizarão, respectivamente, os espaços abertos das clareiras e os mais fechados e contidos dos bosques.

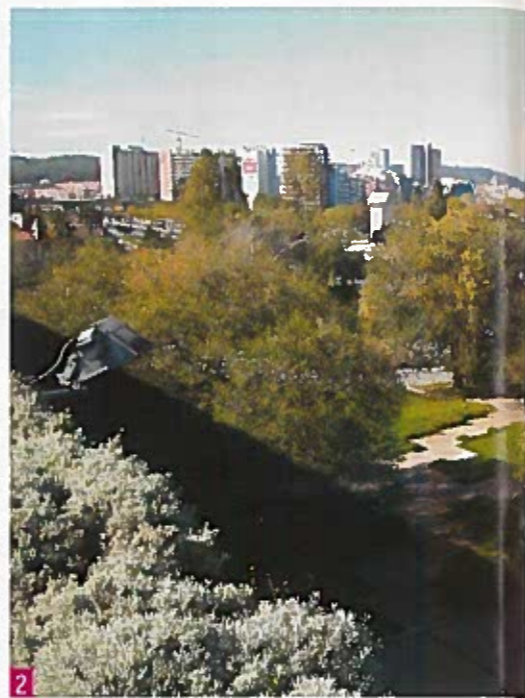
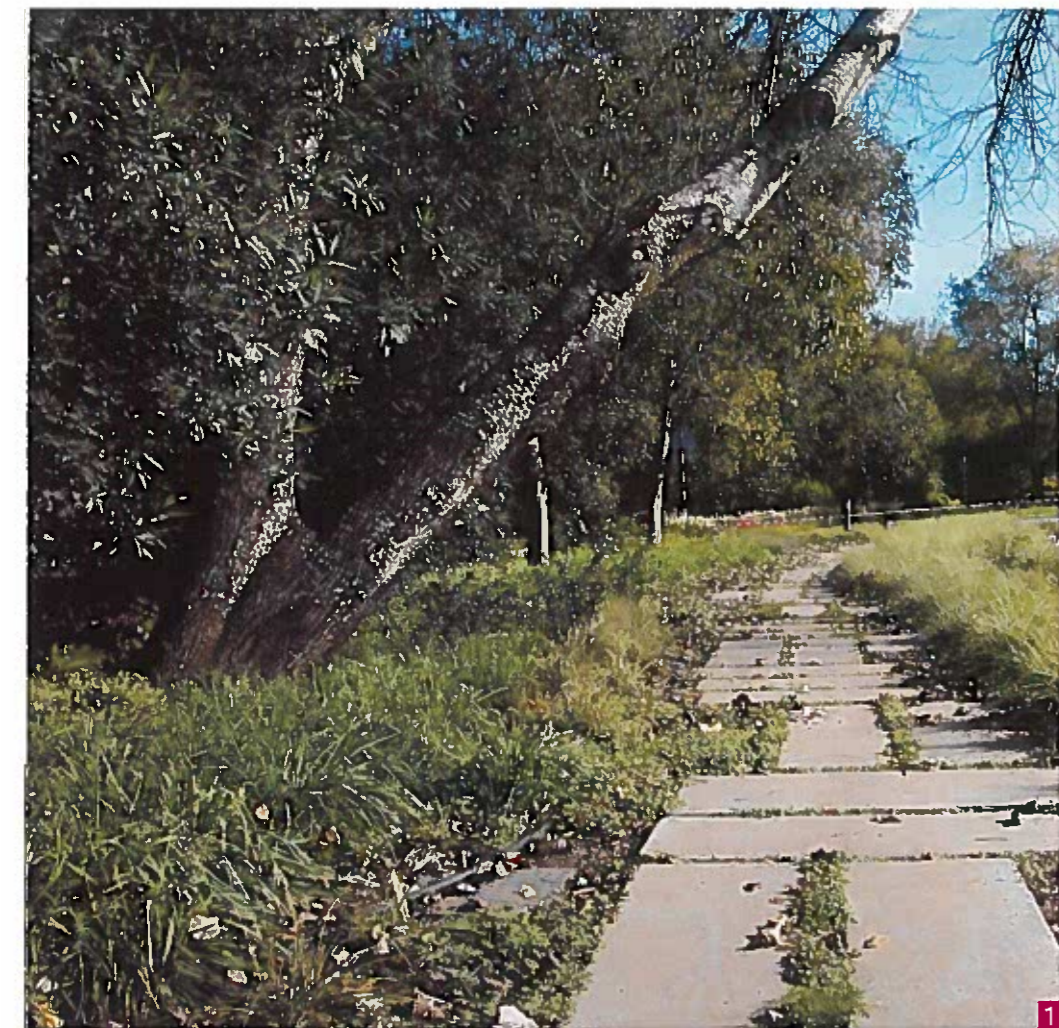
Pretende-se, portanto, caminhar no sentido de uma maior riqueza estética da



1 Panorâmica
Até agora, os trabalhos de manutenção têm-se concentrado exclusivamente na permanência de uma visão estática do Parque



2 Lazer
Relvado convencional para utilização dos utentes



1 Caminhos
Novas estadias e novos percursos no Parque

2 Tomada de vista
Conjunto paisagístico observado a partir de um plano superior ao solo



3 Fachada
Orlas de separação



4 Sombra
Novas zonas de sombra

5 Arvoredo
O desenvolvimento do arvoredo permite a criação de novas zonas de zombra

cor e do contraste luz/sombra, utilizando os prados, de que se tira partido na alternância de forma e floração ao longo do ano, e a vegetação arbustiva das áreas de sub-bosque, possível devido ao porte adulto do arvoredo que a cobre e que poderá enquadrar novas estadias.

A naturalização, para que conduzimos gradualmente todo o sistema natural, permitirá um menor consumo de água e a diminuição das operações técnicas de manutenção.

Nas "orlas", que separam diferentes tipologias vegetais, introduzem-se separações funcionais pouco visíveis. Tais separações são constituídas por trilhos de pedra que permitem uma melhor manutenção das diferentes tipologias arbustiva, herbácea ou pratense. Valoriza-se a

Planta do projecto em curso



Zonas em recuperação
Área abrangida pela primeira fase da recriação do Parque da Fundação Gulbenkian



6 Estrutura ecológica
O projecto contempla a naturalização dos componentes naturais da zona

7 Vegetação
Manutenção da estrutura sem individualizar os elementos constituintes

9 Trilhos de pedra
Permitem uma melhor manutenção das diferentes tiologias

9 Pormenores
Separação defensiva entre duas ocupações de espécies diferentes



conceito original do Parque mas provocam a depuração da imagem dos espaços, aumentam a diversidade da paisagem, através da continuação duma linguagem naturalista e permitem a utilização de novas ambiências. A recriação da natureza livre, nas suas formas e composições, é o caminho a seguir para garantir a perenidade do Parque nas suas componentes estética, ecológica e ambiental. A sustentabilidade será cada vez maior e mais autónoma, dispensando quantidades importantes de energia exterior aos sistemas. A gestão do Parque será, portanto, mais económica.

As razões de sustentabilidade que devem presidir às novas concepções dos sistemas naturais das paisagens do futuro, tão necessárias ao desenvolvimento da civilização, devem-nos, portanto, obrigar a inovar a concepção dos espaços verdes urbanos e a sua gestão tendo em atenção as características morfológicas, ecológicas e culturais dos lugares, e tendo como referência as paisagens tradicionais da ruralidade, porque são produto do trabalho de gerações e exemplo de soluções bem sucedidas.